

# UMA VISÃO PSICOLÓGICA DA RELIGIÃO E POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE RELIGIÃO E PSICOLOGIA COM A CIÊNCIA (S)

<http://orcid.org/0000-0002-3865-2771>

CLAUDINEI TELLES DOS SANTOS<sup>1</sup>

## RESUMO:

De alguma forma, o homem busca algo fora dele mesmo, isto se vê, pelos aspectos metafísicos expressos pelas vias transcendentais das manifestações religiosas. Por outro lado, o homem é um ser pensante e sensível, nota-se significativamente pela forma em que vive e se insere, nos contextos da vida, e estes; por meio de seus sofrimentos: Físicos, Psíquicos, Espirituais e mentais. A própria caracterização religiosa, também, se dá; pelos meios e estados de suas expressões psicológicas, e sua busca em tentar sanar tais sofrimentos, incidem o homem, a buscar alívio; diante de suas construções ornadas pelo viés religioso e espirituais. A despeito disso, sua essência psíquica, sentidos e cognições explodem por meio de sentimentos diversos, pois movido por estados e sentimentos diversos fazem da Religião e da Psicologia, conhecimentos importantes, no bojo das sociedades atuais. Este artigo no uso de uma revisão da literatura tem como objetivo, descrever e discutir, possíveis relações, entre a Religião e a Psicologia com a Ciência. No entanto, vale ressaltar que este trabalho não esgota a temática sobre este assunto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religião. Psicologia. Ciência. Espiritualidade. Religiosidade.

## ABSTRACT:

In some way, man seeks something out of himself; this is seen, by the metaphysical aspects expressed by the transcendental ways of religious manifestations. On the other hand, man is thinking and sensitive being, he is secondary to the way in which he lives and is inserted, in the contexts of life, and these; through their sufferings: Physical, Psychic, Spiritual and Mental. Religious characterization itself also occurs; through the means and states of his psychological expressions, and his search to try to remedy such sufferings, focus on man, to seek relief; before its constructions decorated by religious and spiritual bias. In spite of this, its psychic essence, senses and cognitions explode through different feelings, because moved by different states and feelings make Religion and Psychology important knowledge, in the midst of today's societies. This article, using a literature review, aims to describe and discuss possible relationships between Religion and Psychology with Science. However, it is worth mentioning that this work does not exhaust the theme on this subject.

**KEYWORDS:** Religion. Psychology. Science. Spirituality. Religiosity.

---

<sup>1</sup> Especialização em Ciências da Religião... Pela Faculdade Batista de Minas Gerais//IPEMIG. Belo Horizonte (MG) Brasil. E-mail do autor: [claudinei727@hotmail.com](mailto:claudinei727@hotmail.com) Orientador (a) Profa.

## 1 INTRODUÇÃO

Religião, futebol e política, “não se discutem”. Esse viés mais cultural que sapiencial retrata uma grande mentira, isto é; “A voz do povo é a voz de Deus”, pelo contrário, “Vox Populi e Voz Dei”, nunca se harmonizaram e sempre, foram e ainda são, pensamentos conflituosos e díspares. Porém; Religião, Psicologia e Ciências, incitam a discussão, provocam reações e certamente; evocam os aspectos intrínsecos, espirituais, sentimentais, psicológicos e comportamentais de uma sociedade, que a despeito de toda criação, tudo nela, dentro dela e por ela, tudo se cria e tudo se transforma! E estas transformações tiraram de cena a vida centrada na fé, da fé passou a razão e com razão, se institucionalizou a Ciência. Apesar de tudo isso, a pergunta que não quer calar, e há séculos de existência ainda não se calou é: É possível uma relação: saudável, epistêmica, científica, respeitosa e harmoniosa, entre: Religião, Psicologia e Ciência? Este trabalho objetiva responder a esta pergunta, para tal objetivo, se pauta na revisão de Literatura na forma bibliográfica. Como também, questiona: Por que, tanta dificuldade em criar vínculos entre elas, se todas elas, caracterizam o homem em sua natureza e essência? Durante este estudo, observaremos os elementos característicos de cada uma delas, e observaremos que elas mesmas emitem suas próprias respostas, as quais; conforme o pensar de VEIT (2002) A religião, portanto, nos tempos pós-modernos vai ganhando, aos poucos, e á base de grande esforço, espaço científico e assume o caráter de componente essencial para a existência do homem integral, ou seja; do ser humano desprovido de conflitos psíquicos geradores de sofrimentos. No entanto, é preciso ressaltar que este trabalho não esgota a temática sobre este assunto.

## 2 A PSICOLOGIA, E A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO: BASES HISTÓRICAS.

Bock, Furtado e Teixeira (2008) a palavra Psicologia tem sua origem no termo Grego “Psique” que significa “alma” e logos “razão”. A alma ou o espírito era conhecido como a parte imaterial do ser humano, e abarca os sentimentos, pensamentos, a irracionalidade desejos, a sensação e a percepção.

Ainda, conforme estes autores, o sentido da alma nasce com os pensadores pré-socráticos, os quais; concebiam a alma como parte universal, ou seja; como parte da razão, e isto; definem a alma universal e a alma humana, como ligadas intrinsecamente. BOCK, FURTADO E TEIXEIRA (2008).

No entender de Bock, Furtado e Teixeira (2008) ao contrário de Sócrates, Platão divide o ser humano em corpo e alma, cuja alma exerce supremacia sobre o corpo, além de carregar em si o verdadeiro conhecimento, enquanto para Aristóteles, estas duas realidades não poderiam ser separadas por estarem justapostas. Todavia, é no final do Século XIX, que a Psicologia tem seu reconhecimento científico, cujo primeiro laboratório de Psicologia, se dá por meio de Wilhelm Wundt, de onde se formaram um grande número de Psicólogos, se afastando assim, da Filosofia e tomando autonomia como ciência. BOCK, FURTADO E TEIXEIRA (2008).

De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2008) as primeiras abordagens da Psicologia, restringiam-se ao funcionalismo, a primeira sistematização Americana de conhecimento da Psicologia, o estruturalismo, cuja preocupação se resume à compreensão da consciência, e o Associacionismo, cuja ideia central se baseia na concepção de que a aprendizagem se faz por meio da associação de ideias. Gomes (2013) adverte que na segunda metade do Século XX, a Psicologia e a religião, alavancaram pesquisas empenhadas em incorporar descobertas das Ciências Humanas e desenvolver interesses acadêmicos, pela Psicologia da Religião.

Rosa (1979) assim define a Psicologia da Religião: “Psicologia da Religião é o estudo descritivo e tanto quanto possível, objetivo do fenômeno religioso, onde quer que ele ocorra e não se delimita conseqüentemente a determinada religião ou determinada seita”. No conceito de Clark (1959) ela pertence parcialmente à religião e parcialmente à Psicologia, e frequentemente, se coloca entre as duas. De acordo com Rosa (1979) o primeiro teórico a manifestar interesse em estudar a Psicologia na Religião foi “Stanley Hall”, em seu estudo sobre a “Conversão religiosa na adolescência”. O primeiro livro intitulado: “Psicologia da Religião” foi escrito por Edwin Diler Starbuck, em 1879. Esta obra marcou época e pode ser chamada de o ponto inicial do estudo sistemático da Psicologia da Religião. O estudo científico da Religião se dá por Três níveis principais: A História, (estudo das culturas primitivas e antiguidades), Sociológica (o lugar das crenças e suas ligações entre fatores sociais, econômicos e políticos) e Psicológica ou Psicologia da Religião, com o objetivo de compreender e reconhecer, o que a Religião representa para as pessoas JOHNSON (1964).

Entre os anos de 1890-1920, registrou-se um movimento intelectual em torno da questão religiosa, a partir do ponto de visão Psicológica. HALAHAMI (1979). Para o mesmo autor, os pioneiros deste campo, mesmo de uma forma empírica e experimental conforme vários depoimentos dados por “Beith Halahami” pareciam ver a Religião como objeto propício ao estudo científico, compreendendo ainda, a Psicologia como legítima ascendente da Filosofia.

De acordo com Catalan (1999) o objetivo geral da Psicologia Social da Religião é inventariar comportamentos religiosos, explorar diferentes significativas religiosas, compreender os comportamentos religiosos com relação a outros fenômenos humanos e conceber uma estrutura psicológica ao comportamento religioso. Segundo Paiva (2009) historicamente, a Psicologia da Religião no Brasil. Surgiu sob a influência Européia, já que teria sido o Psicólogo Holandês, Theo Van Kolock a assumir a direção do departamento de Psicologia da Religião, na PUC – SP, isto em, 1950.

Anatuzzi (1999) Vergote (2001) defendem a ideia de que a Psicologia estude as pessoas considerando-as, em seu contexto, cultural – religioso tal como fazem os Antropólogos.

### **3 O Que É Religião?**

Segundo Gaardner, Hellen e Notaker (2000) uma das explicações para o surgimento da Religião é que o homem logo começou a ver as coisas ao seu redor como animadas, o desenvolvimento religioso caminhou paralelo ao avanço geral da humanidade, tanto cultural como tecnológico, primeiro o politeísmo e depois ao monoteísmo.

De acordo com Gaardner, Hellen, Notaker (2000) as Religiões se dividem em: Primárias, Nacionais e Mundiais, a primeira se encontra em culturas “ágrafas”, a segunda, nacionais, as quais se incluem a maioria das Religiões Históricas e as Mundiais, as quais são para todos, também conhecidas como Religiões Universais. No conceito de Dalgalarondo (2008) Religião é fruto da experiência religiosa, não há como pensar na Religião, sem tocar no material que a tece, ou seja; na experiência humana e seus limites.

Na compreensão de Jung (1971/1988) Religião é como diz o vocábulo Latino “Religare”, uma acurada e conscienciosa observação, daquilo que Rudolfo Otto, acertadamente chamou de minucioso, uma existência ou efeito não causado por ato arbitrário, mas, vítima de seu Criador.

“Para Jung, a Religião é uma observação cuidadosa e escrupulosa, do que; Rudolfo Otto denominou de “Luminosum” quer dizer; uma existência dinâmica que não seja causada por ato arbitrário, constitui uma experiência que domina e controla o indivíduo humano, que a vive passivamente. Ainda conceituando pode se dizer que para Jung, Religião é qualquer sistema de pensamento e de ação seguido por um grupo, é capaz de conferir ao indivíduo, uma linha de orientação e um objeto de devoção, independentemente da existência de divindades ou forças sobrenaturais, não apenas sentimos a Religião como um fenômeno mais lato e concreto, com condições de considerar, as mais variadas formas de experiências vividas pelo homem”. FROMM (1962. P.23).

Para Hock (2010) Religião abrange toda uma família de componentes, portanto, o termo precisa se referir a uma coleção de diferentes fatores, critérios e dimensões, que em seu conjunto descreve um quadrado no qual, a Ciência da Religião pode inserir seu objeto.

Para Allport, a Religião é um fator importantíssimo na integração da personalidade, ele diz que a Religião é o esforço dos homens, com o objetivo de ampliar e completar a própria personalidade.<sup>2</sup>

Para Freud, Religião Tem a sua origem no sentimento de incapacidade do homem, quando se vê confrontado com as potências exteriores, provindas da natureza, e com o seu próprio dinamismo instintivo FROMM (1962).

A Religião aparece numa fase precoce do desenvolvimento filogenético, quando o homem, ainda não pode usar a sua razão para dominar as primeiras forças e reprimir ou controlar as segundas FROMM (1962).

Para Allport, a Religião, além de ser experiência eminentemente individual, pessoal e íntima, constitui-se como um fator de integração da personalidade do indivíduo. Neste caso, assim como a personalidade só pode ser encontrada sob a forma individual, muito embora, seja um fenômeno universal, a Religião também se constitui como uma experiência individual, mas também, universal e por isso, a ciência precisa estudar o fenômeno religioso. OLIVEIRA (2010 P. 24).

De acordo com Valle (1998) Allport analisa o aspecto da religiosidade subjetiva, em função de quatro elementos constitutivos.

Para Ericsson (1902-1994) a fé religiosa dos indivíduos é vulnerável às distorções patológicas, porém; apesar de vê-las como vital para a obtenção do amadurecimento humano, as religiões, se aproveitam da fragilidade humana e geram intolerância ÁVILA (2007).

De acordo com Paiva (2008) a religião terá cada vez menos importância na vida da sociedade, porém, não passa de um sistema de controles, baseado em ficções sustentando o medo da punição.

#### **4 O QUE É CIÊNCIA E DE ONDE ELA VEIO?**

De acordo com Merton (1973) Ciência é a busca da verdade por meio da razão e experimentação, com o objetivo de garantir a extensão do conhecimento verificado, também; coloca o conteúdo do conhecimento fora dos limites da análise sociológica. Ainda, na

---

<sup>2</sup> JOHNSON E. Pavil. **Psicologia da Religião** São Paulo, Editora Aste, 1964.

concepção de Merton (1938) o conhecimento científico só pode ser produzido por cientistas treinados para produzir conhecimento objetivo.

Para Meadows (1974) em geral se usa a palavra ciência como se todos conhecessem as suas diversas conotações, como também estivessem de acordo sobre elas, para ele, há muita discussão sobre o que distingue a ciência de outras atividades intelectuais não científicas.

Para Price (1963) o crescimento da Ciência nos interessa porque exerce importante influência nas atividades de comunicação entre cientistas, o volume de pesquisas e o de literaturas cresce juntos para o autor é fácil mostrar que as atividades científicas cresceram constantemente a taxas exponenciais.

Outro ponto interessante mostrado por PRICE (1963) se refere ao crescimento exponencial do número de cientistas vivos, notando ele, que o número de cientistas cresce além das taxas de crescimento populacional, para ele, a Ciência tem sempre apresentado características de ser atual. Apesar de acelerado; o crescimento da ciência não foi caótico. Paralelamente, a comunicação na ciência também seguiu práticas estabelecidas e respeitadas pela comunidade científica. MEADOWS (1974).

De acordo com Grifhth (1989) a comunicação é o único comportamento comum á todo o cientista, pois, os demais são específicos de cada área, ou técnicos, a informação e a sua representação são os seus principais produtos.

Conforme Ziman (1984) em artigo publicado em 1942, que se tornou clássico; Merton definiu o “ethos” científico dando segundo alguns, a voz acadêmica a um conjunto de ideias tradicionais sobre ciência e democracia. Ainda, conforme ZIMAN (1984) as normas Mertonianas como ficaram conhecidas, não são precisamente, um código de definido e padronizado, e sua aceitação por pesquisadores da área da Sociologia da Ciência tem sido até hoje, bastante controversa.

De acordo com Merton (1973) a ciência como instituição social, é marcada por um “ethos”, um complexo de valores e normas reconhecidas e aceitas pelos cientistas, transmitidas através de exemplos e mantidas por sanções, que são internacionalizadas pelos pesquisadores, moldando á sua consciência científica.

São quatro as normas propostas inicialmente por Merton:

Universalidade ou Universalism: não há fonte privilegiada do saber científico. Toda contribuição científica deve ser avaliada com os mesmos rigores pelos mesmos critérios e objetivos impessoais HAGSTRON, (1992).

Segundo Hagstron (1992) a imparcialidade e desapego material, a Ciência deve ser praticada de maneira impessoal e como um fim em si próprio, ou seja, apenas pelo avanço da

Ciência pelo amor á Ciência e não ganhos materiais, prestígio ou poder deveria motivar os cientistas á pesquisa e á publicação de seus resultados.

Muitas vezes, é do interesse do próprio cientista desenvolver sua carreira de forma desapegada, ao explicar essa norma, Ziman diz que ela proíbe o cientista de deixar que seu interesse pessoal o influencie na aceitação ou na rejeição de uma ideia científica ZIMAN, (1984).

Ao que se refere ao conhecimento científico, Lakatos e Marconi (1986) apontam que algumas definições são bastante semelhantes e outras levantam algumas diferenças, no entanto, as maiores partes dos que buscam definir a ciência, concorda que o primeiro passo é diferenciá-lo de outros tipos de conhecimento existentes.

Conhecer é atividade especificamente humana, ultrapassando ao mero “dar-se conta de”, e significa a apreensão, a interpretação. Conhecer sugere a presença de sujeitos, um objeto que suscita sua atenção compreensiva o uso de instrumentos de apreensão, o “debruçar-se sobre”. FRANÇA (1994).

De acordo com Lakatos e Marconi (1984) o senso comum também denominado como conhecimento vulgar ou popular, é um modo corrente e espontâneo de conhecer que não se distingue do científico, nem pela veracidade, nem pela natureza do objeto conhecido, o que os difere é a forma, o modo ou os métodos e os instrumentos do conhecer.

Já, O conhecimento religioso ou teológico se caracteriza por ser valorativo, não verificável, infalível e exato LAKATOS, MARCONI (1986.).

O princípio de autoridade é fundamental para seu funcionamento, pois ele se apoia em doutrinas com proposições sagradas, reveladas de forma sobrenatural, que consistem em verdades indiscutíveis, já que na experiência religiosa, “está sempre implícita uma atitude de fé perante um conhecimento revelado” LAKATOS, MARCONI (1986).

De acordo com Aranha e Martins (1997) uma boa demonstração desta concepção é a frase de Santo Agostinho, que diz: “Aquilo que a verdade descobrir não pode contrariar aos livros sagrados, quer do Antigo ou do Novo Testamento”.

Assim, o conhecimento é entendido por Santo Agostinho como ato da iluminação divina Andery et. al (2004).

Ainda, segundo Lakatos e Marconi (1984) os autores costumam destacar ainda outra forma de conhecimento, ou seja; o conhecimento filosófico.

O conhecimento filosófico é caracterizado como um dos quatro tipos de conhecimento, caracterizado por ser valorativo, racional, sistemático, não verificável, infalível e inexato LAKATOS, MARCONI (1984). Para Raeper e Smith (2001) a filosofia trata das ideias sobre

o mundo, sobre as pessoas, ideias sobre o viver, a filosofia se preocupa de modo geral, com o modo como sabemos as coisas e com o que podemos saber.

Alguns autores, ainda identificam como outra forma de conhecimento, distinta das demais a ideologia. Para Demo (1985) aponta a ideologia como forma de conhecimento composta de enunciados que justificam relações de poder. Esta é uma concepção oriunda do pensamento marxista, que define a ideologia, como a transposição involuntária para o plano das ideias de relações sociais muito determinadas CHIAUÍ (1981).

Fundamentalmente, a ideologia é um corpo sistemático de representações e de normas que nos ensinam conhecer a agir, a sistematicidade e a coerência ideológica nascem de uma determinação muito precisa, o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar e o dizer e o ser CHIAUÍ (1981).

Para Gressler (2003) entre os objetivos da Ciência estão à busca do controle prático da natureza, a descrição e compreensão do mundo, e a possibilidade de predição, posteriormente, ela se alia á técnica, é quando ela de destaca e passa a resultar numa série de avanços no modo de produção da sociedade.

Ao mesmo tempo, o conhecimento científico, se desenvolve e busca sua legitimidade, a partir de sua institucionalização nas Universidades, Conselhos, associações, Congressos, Institutos, publicações e eventos ALVES (1987).

Para Bordieu (1983) o conhecimento científico enquanto produto é afetado pelas condições de um contexto específico, ou em outros termos, que a verdade científica, reside numa espécie particular de condições sociais de produção.

O campo científico exige de seus participantes, um saber prático das Leis de funcionamento do universo, ou seja, um Habitus adquirido pela socialização prévia ou por aquela praticada no próprio campo SILVA (2002).

## **5 È POSSÍVEL UM DIÁLOGO, ENTRE: RELIGIÃO, PSICOLOGIA E CIÊNCIAS.**

Não há então a meu ver, nenhum conflito entre Religião e Ciência, já que a primeira, trata (ou deveria ao menos tratar) dos aspectos interiores ou metafísicos, do homem, ao passo que a segunda, trata dos aspectos físicos do homem e da natureza. BESSADA (2014). Se esses limites ficarem claros, e não forem confundidos, a conciliação entre o saber científico e a práxis religiosa é perfeitamente possível. BESSADA (2014).

Vários pesquisadores, em especial no cenário filosófico, criticam a ideia de que o desenvolvimento histórico das ciências e do pensamento teísta não seja compatível em nenhuma medida, como defendem: PEDUZZI (2001) KNELLER (1980), MARTINS (2006), FIRME E AMARAL (2008), por exemplo, a Ciência e a Religião são vistas como uma construção humana, como campos do saber integrantes da cultura.

Moreira & Osterman, apontam que:

“A visão de Ciência predominante hoje, é a de construção. O homem constrói o conhecimento científico, (...) a Ciência é viva. O conhecimento científico cresce e evolui não por mera acumulação, mas principalmente por reformulação do conhecimento prévio”. MOREIRA, OSTERMAN (1993. P. 115).

Conforme, Japiassú (1997) a participação de crenças metafísicas no desenvolvimento da ciência passou a ser minimizada ao longo dos séculos. Esse movimento tem justificativa em defender aspectos que incluem a institucionalização da Ciência, a buscar métodos mais diretos de investigação, entre outras questões.

Segundo, Zanetic (2005) Isto pode demonstrar que ciência e diferentes manifestações da fé, estiveram em algum momento, lado a lado, na construção de aspectos da sociedade atual e por isto, suas relações integram o argumento de ciência como cultura e dentro do conjunto de construções humanas.

Quanto á isto, D’ Ambrósio diz:

“Quando sociedades”, e, portanto, sistemas culturais, se encontram e se expõem mutuamente, elas estão sujeitas a uma dinâmica de interação que produz um comportamento intercultural que se manifesta em grupos de indivíduos, em comunidades, em tribos, e nas sociedades como um todo. A interculturalidade vem se intensificando ao longo da história da humanidade. D’AMBRÓSIO (2005. P. 111).

Admitindo perspectivas teóricas que defendem as bases socioculturais da ciência e da religião como construções humanas, ambas integrantes da cultura, cada qual com suas características próprias, nas quais, tanto contradições como compatibilidades estão presentes, tal enfoque pode contribuir ao ensino da ciência. D’AMBROSIO, 2005, MARTINS, 2006, ZANETIC (1995).

Por outro lado, o conhecimento teológico, comumente sugere um caminho oposto. Ciência E Religião teriam a busca pela verdade como única semelhança, e para Mahner e Benge (1996) quando as duas são justapostas, pode-se considerar bastante provável que haja um conflito em pauta.

Para, Brooke (2003) estudos históricos mais aprofundados possibilitam novas interpretações de tais recortes.

Nessa concepção, a Igreja Católica, teria cometido um erro ao escolher defender adversários históricos de Galileu e do pensamento científico. Porém, tal visão não é unanimidade, e existem outras visões para este episódio conflituoso entre ciência, seu pensamento e religião HENRY (1998).

“A insistência de Galileu em discutir publicamente a interpretação da Bíblia, para mostrar como era possível tornar o Coperniconismo compatível com vários enunciados bíblicos não contribuem para melhorar a situação, numa época em que, a Igreja Católica da contra-reforma, tentava restringir a livre interpretação das Escrituras”. HENRY (1998. P. 82).

Conforme, Brooke (2003) oportunamente às pessoas que vem a relação entre Religião e Ciência, apenas como conflituosas apologistas acreditam que entidades estiveram sempre lado a lado, e que os momentos conturbados entre ambas, é produto de mal-entendidos.

Acredita-se, que os diversos episódios conflituosos, tiveram sua imagem construída de forma exagerada, e isto, é uma forma de defender tais argumentos. BROOKE (2003).

Os mesmos argumentos que apontam para uma simplificação da história da Ciência no conflito podem ser utilizados neste caso BROOKE (2003).

Para Barbour (2004) quem defende a interpretação da integração, Religião e Ciência, tendem a complementarem-se, sem que haja problemas nessa relação. A principal corrente que defende esta ligação é a Teologia Natural, defendida em especial por: Teólogos, Filósofos Naturais e Cientistas teístas.

Esta concepção vai ao encontro com a busca por um design inteligente do Universo BARBOUR (2004).

Ainda, conforme Barbour (2004) a grande tradição da Teologia Natural, tem buscado na natureza (uma prova) ou pelo menos um indício sugestivo, da existência de Deus. Recentemente, os Astrônomos têm argumentado que as constantes físicas do Universo Inicial parecem ter sido ajusta em uma sintonia fina, como se fruto de um planejamento.

Se a taxa de expansão um segundo depois do Big-Bang, tivesse sido menor, ainda que, levemente; o universo teria entrado em colapso antes que o elemento químico necessário à vida pudesse formar-se, se a taxa de expansão tivesse sido maior, mesmo ligeiramente, a evolução da vida não poderia ter ocorrido. BARBOUR (2004).

Sepúlveda e El Hani acreditam que:

“Os defensores da integração entre Ciência e Teologia, também procuram apoio em análises históricas. Neste caso, eles tentam demonstrar que doutrinas e ciências

religiosas forneceram pressupostos metafísicos que motivaram ou serviram de justificação para a investigação científica da natureza”. SEPULVEDA, EL. HANI, (2004. P. 14).

A ideia de um absoluto permanente gera complicações quando o contestamos com episódios históricos e diversas exceções, uma integração diminui atritos e gera complexas questões filosóficas e epistêmicas, gerando dificuldades para sustentar a hipótese de uma relação harmoniosa entre Religião e Ciência. SEPULVEDA e EL-HANI (2004), MOTA (2013).

A interpretação de um diálogo inscreve momentos de divergência e momentos de harmonia HENRIQUE (2011). Neste sentido, as religiões têm um traço objetivo e a ciência por sua vez, está repleta de subjetividade podendo gerar um fluxo de informações e metodologias, entre elas, ou seja, um diálogo BARBOUR (2004).

Como citado, Draper e White, escreveram livros sobre o tema. A partir de suas concepções pessoais, assim como o livro de: “Ted Peters e Gaymon Bennet”, organizaram um livro cujo título é: “Construindo Pontes entre Ciência e Religião”. PETERS, BENNET (2003). Conforme Peters e Bennete (2003) no entender destes autores, a globalização e a diminuição das distâncias no mundo indicam que a relação entre Ciência e Religião, influencia diretamente, na vida da população.

Neste sentido:

“Os que, porém, tentam isolar a Ciência, protegendo-a contra as corrupções percebidas da Religião, e os que tentam rejeitar a Ciência como imposições do secularismo á Religião, vivem uma vida ingênua”. A Ciência e a Religião são onipresentes na sociedade humana, elas permeiam a existência humana e se interpenetram. As relações entre elas, em sua relevância histórica e dinâmica, servem para emoldurar a dar forma á vida humana, fornecendo as matérias primas intelectuais, com as quais, elaboram nossas lentes para examinar a natureza humana e não humana. “Antes de tudo, é nesse sentido de interligação global que Ciência e Religião são um interesse global”. PETERS E BENNET (2003. P. 31).

Buscando exemplos para transcender as culturas cristãs os autores encontraram um exemplo de monges Budistas na Tailândia que vem no desenvolvimento da genética, uma saída para a fome em sua região. PETERS e BENNET (2003).

Peters e Bennet (2003) defendem uma tentativa de cooperação entre as instâncias, que de acordo com eles, será benéfico para o desenvolvimento de ambas.

Ao comentar as variadas interpretações sobre o tema, Brooke, indica que seu livro não se propõe a negá-las, mas, demonstrar que analisar as relações entre Ciência e Religião não é simples BROOKE (2003).

Nem todos os membros da Igreja cristã eram obscurantistas e muitos cientistas de renome, professavam uma fé religiosa, embora sua teologia fosse por vezes, suspeita pretensos conflitos entre interesse científicos rivais ou pelo contrário, facções teológicas rivais BROOKE (2007).

Questões de poder político, de prestígio social e de autoridade intelectual estiveram frequentemente em jogo, e a história escrita por seus protagonistas refletem as suas próprias preocupações BROOKE (2007).

Segundo Debus (1996) A obra do filósofo natural inglês, Isaac Newton (1642-1727) continua sendo considerada, o fundamento das ciências físicas modernas, ele legou o modelo racional de como se fazer física teórica em seu Principia (1687) e o método para a física experimental em sua Óptica (1704).

Esse modelo de metodologia para a Ciência, que excluía ideias metafísicas, foi o pilar do Iluminismo, da Idade da Razão, a Ciência experimental da Quantificação e da Abstração Matemática para descrever e explicar os fenômenos naturais DEBUS (1996).

Sobre a Interpretação sobre a obra de Newton:

“Essa interpretação sobre a obra” de Newton começou a ser questionada desde, pelo menos, meados do Século XX, quando pesquisadores analisaram o enorme volume de manuscritos alquímicos e teológicos deixados por ele, seu rascunho para os estudos do “Principia”, além de suas cartas trocadas com contemporâneos. COHEN e WESTFALL, (2002), FORATO, 2006, WESTFALL (2000. P.129).

Segundo Dobbs (1996) Newton é um personagem muito popular no ensino das Ciências, mas em geral, omite-se a participar do Neoplatonismo, na vida e obra do Filósofo natural Inglês, que perpassa sua dedicação á Alquimia.

O estudo obsessivo das profecias bíblicas, e a, proximidade de sua Ciência com pensamentos e crenças pagãs FORATO (2006).

Para Dobbs (1991) há algumas décadas, os historiadores das Ciências, que vem estudando complexas confluências de saberes na obra Newtoniana, defendem a possibilidade de seus experimentos alquímicos terem tido para ele, a finalidade de demonstrar como Deus operara na matéria.

Ignorar o lado em que Newton transcende seus métodos utilizados em suas grandes obras é comum, pois:

“Talvez seja possível interpretá-los com suas discussões de figuras lendárias e suas referências á uma filosofia “mística”, como obra do “Newton Mágico”, (e, portanto, aberrante), como construções excêntricas dotadas de pouca importância para a

reconstrução de seu trabalho genuinamente científico, e que apenas lançam luz sobre seus interesses exotéricos e ocultistas. A nosso ver, entretanto, essa interpretação parece insustentável, está mais do que claro, hoje em dia, que as investigações sérias de Newton, não se restringiam, á filosofia natural, investigada pelo método Experimental Matemático, seus estudos de Teologia e Cronologia antigos, eram de igual importância para ele, e foram conduzidas de maneira tão rigorosa quanto seu trabalho científico. Há provas suficientes, mesmo em seus textos publicados, de que ele não considerava estes tipos diferentes de investigação como desvinculados dos demais. Ao contrário, partilhava da crença do século XVII, em que o conhecimento natural e o divino, podiam ser harmonizados, revelando apoiar um ao outro”. MC. GUIRE E RATTANI, 1996, COHEN E WESTFALL (2002. P. 129-130).

## 6 AS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO.

Para Passos e Usarski (2013) o estudo científico da religião, nos últimos tempos, tem-se tornado relevante, dado as diversas temáticas que a envolvem. Lembram também, que a expressão religiosa, em outras épocas teve importante papel no pensamento social, muito se produziu a partir dela, em diversos campos do saber PASSOS, USARSKI (2013).

O século XIX foi um período histórico caracterizado pela ramificação das Ciências Humanas FOLIRAMO E PRANDI (1999).

Para Foliramo e Prandi (1999) a Revolução Industrial, o Movimento Colonialista global, a consolidação do Iluminismo e o declínio da hegemonia cristã no Ocidente constituíram-se como fatores importantes para o desencadeamento do processo de especialização das disciplinas científicas e nesse contexto surgem à história das religiões. Para Greschat (2014) a Historiografia, a Arqueologia, a Sociologia, a Arte, o Direito, a Geografia e a Psicologia, buscam evidenciar aspectos relevantes, mas não tem a pretensão de abarcar a totalidade do estudo do fenômeno religioso.

“As Ciências da Religião se estrutura e se executa, a partir de um conjunto de abordagens distintas que podem ser nomeadas como subáreas, como disciplinas ou ferramentas, teórico-metodológicas que possibilitam sua execução metodológica, e por consequência, sua distinção epistemológica”. PASSOS E USARSKI (2013. P.26).

Para Gerschhat (2014) a religião jamais pode ser relegada ao indiferentismo científico, uma vez, que aponta uma dimensão inseparável da vida humana. Para Filoramo e Prandi (1999) As Ciências da Religião não constitui uma disciplina a parte, fundada na tradição hermeneuticamente orientada na unidade do objeto (a religião), e na unidade do método (a compreensão hermenêutica).

Ela é um campo disciplinar, e como tal, uma estrutura aberta e dinâmica, diferentemente da Teologia, possui uma estrutura fechada em seu objeto FILORAMO E PRANDI (1999).

Para Ford (2005) existem aqueles que defendem uma interação entre a Teologia e a Ciências da Religião, contudo, raramente sugerem uma combinação institucional entre elas. Para superar as comparações com a Teologia e a Filosofia, as Ciências da Religião tiveram de enfrentar os mesmos problemas que outras ciências, como a Sociologia, a Antropologia, e a Psicologia, até conquistar seu espaço no mundo científico AZEVEDO (2010).

Para Azevedo (2010) essa autonomia, no entanto, só pode ser estabelecida mediante a formulação de seu objeto de pesquisa, diferente daquele que a Teologia elege para si. A respeito das Ciências da Religião, como o título sugere, observam que não se trata de uma só Ciência da Religião, mas de um conjunto delas FILORAMO E PRANDI (1999).

Assim, elas são inseridas no conjunto da especulação Teológica e fenomenológica, nas escolas, Histórico-religiosas, Escolas Sociológicas Clássicas e Contemporâneas, Escolas Psicológicas Clássicas e Contemporâneas, Escolas Antropológicas e outras escolas e disciplinas relevantes para a compreensão do objeto de estudo FILORAMO E PRANDI (1999).

Para Filoramo e Prandi (1999) ainda há muito para ser debatido nessa área, “As perguntas sobre o estatuto epistemológico, sobre os seus métodos, objetos, ainda estão longe, e depois de um século de debates, de encontrar uma resposta exaustiva, convincente e unânime”.

## **7 PORQUE É POSSÍVEL UM DIÁLOGO, ENTRE: RELIGIÃO, PSICOLOGIA E CIÊNCIA?**

De acordo com CRP – SP (2014) reconhecemos a importância da Religião, da Religiosidade e da espiritualidade na constituição da subjetividade, especialmente, num país com as especificidades do Brasil. Ainda, conforme o CRP-SP (2014) compreendemos que tanto a Religião, quanto a Psicologia; transitam num campo comum, ou seja; o da produção de subjetividades entendendo ser fundamental, o estabelecimento de um diálogo entre esses conhecimentos.

“Reconhecemos também, que toda religião tem uma dimensão psicológica, e que; a despeito da Psicologia poder ter uma dimensão espiritual, ela não tem uma dimensão religiosa, o que nos remete á necessidade de aprofundarmos o debate da interface da Psicologia com a espiritualidade e os saberes tradicionais e populares,

além de buscarmos compreender como a Religião se utiliza da Psicologia”. CRP-SP (2014. P.17).

O reconhecimento do valor da Religião e da religiosidade na constituição das subjetividades conduz a constatação de que a Psicologia e a Religião, além de transitarem em campo comum, da produção de significados, transitam ainda, no campo da produção de subjetividades APAF (2013).

Para a APAF (2013) é fundamental o estabelecimento de um diálogo entre esses conhecimentos.

O foco de debates deveria incidir sobre as possíveis interfaces entre Psicologia e Religião, e entre; Psicologia e saberes tradicionais impregnados como religiões, espiritualidade Segundo Berni (2014) para este diálogo é imperativo que o olhar da Psicologia para o campo religioso, se dispa de eventuais preconceitos a aversões tácitas.

Segundo Paiva (2005) citando vários autores, observa que o conceito Psicologia da Espiritualidade, surge nos Estados Unidos, e sua ligação com a Psicologia Humanista. Cabe salientar, que no seio da Psicologia Humanista, surge a Psicologia Transpessoal, cujo escopo técnico envolve a sacralização do “self”. HANEGRAFF (1999).

“A espiritualidade é uma atividade de nosso espírito, e não necessariamente, implica em fé, em algum ser transcendente implica em fé em algum ser transcendente, característica necessária na vivência da religiosidade” GIOVANETTI (2005. P.137).

Para Giovanetti (2005) Boff diz que a espiritualidade tem que ver com a experiência, e não com dogmas, ritos ou celebrações, o termo espiritualidade designa toda a vivência que pode produzir mudança interior no homem, e o leva á integração pessoal e á integração com outros homens.

Para Giovanetti, et. al. (1999) sob este ponto de vista, percebe-se a necessidade de que os terapeutas estejam mais atentos ao papel das crenças e das práticas religiosas na vida de seus clientes e na terapia. Assim pode-se entender como a Psicologia deve contextualizar aspectos significativos da realidade e vida das pessoas, tal como, a religião GIOVANETTI, et. al. (1999). Sela qual for, no entanto, a natureza da espiritualidade, parece existir um instinto religioso que convida o homem, á busca da integralidade psíquica ou individuação ULANOV (2002). Assim a antiguidade e a forte manifestação do pensamento religioso na antiguidade, elevam a religiosidade ao patamar de fenômeno básico para compreender a complexidade

humana, portanto, qualquer Ciência que almeje entender o todo humano, deve abordar essa questão com a seriedade que o assunto exige GROF (1998).

## 8 CONCLUSÃO

O estudo revelou que apesar do resumido número de trabalhos relacionados a esta temática, e isto; revela um campo fértil para a realização de estudos que enfatizem este assunto. Apesar disto, há consenso de que “É possível uma relação e relações, entre: Religião, Psicologia e Ciência (s). Também ficou claro, de que existe a necessidade, de que, se dissipe o olhar preconceituoso em relação ao diálogo interativo entre ambas as áreas do conhecimento, até mesmo, porque; tanto a religião quanto a Psicologia, se incorporaram recentemente aos trabalhos com uma amplitude e visão epistêmica. Pois, segundo estudiosos ligados à estas áreas do saber, a Religião trata dos aspectos interiores e metafísicos do homem, enquanto, que a segunda; tratam dos aspectos físicos do homem e da natureza, e uma vez, respeitadas e estabelecidas estas diferenças, a conciliação entre o saber científico e a práxis religiosa, é perfeitamente possível. Ainda, uma vez; que se dissipe um olhar (es), preconceituosos em relação à isto; se fará possíveis às ligações entre ambas, isto; em função de que, não somos apenas seres movidos pela razão, mas também; exalamos sentimentos e construções, ornadas pelos viés transcendentais e metafísicos, aqui se insere e se coadunam, aos dizeres de Barbour (1990) “são dignas de integração, pois tanto a Ciência como a Religião contribuem para uma visão de mundo coerente, desenvolvida numa metafísica inteligente”.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Thiago Antônio Avellar de et al . Atitude religiosa e sentido da vida: um estudo correlacional. **Psicol. Cien. prof.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 228-243, 2009. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932009000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000200003&lng=en&nrm=iso)>. Access on 03 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932009000200003>.

AROLDO. R. et. al . **Psicologia Social**. 32. Ed. Petrópolis. RJ. Editora Vozes, 2015.

ALVARENGA, Miranda; **Metodologia Científica** Mogi das Cruzes, Editora. Braz Cubas. 2014

BRAGA. Neves, Guilherme. **Psicologia e Religião: Limites “e Possibilidades”**. UNICEUB-Centro Universitário de Brasília. Faculdade de Ciências da Saúde (FACS). Curso de Psicologia. Brasília, Novembro de 2007. <http://repositorio.uniceub.br/handle/123456789/2568>

BARSALINN;. G. /AMARAL. D. R. REVISTA DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. **As Ciências da Religião e Seus Paradigmas**. Universidade Católica de Pernambuco. Vol.6. N.1. Jan/Junho. Recife, 2016. Pg. 125-144.

CRP- Conselho Regional de Psicologia. **“Psicologia, Laicidade E As Relações com a Religião e Espiritualidade. Políticas Públicas”**. CRP-SP. 1ª Ed.. Vol. 1. São Paulo, 2016.

CRP – Conselho Regional de Psicologia. **“Psicologia, Laicidade, Espiritualidade, Religião e os Saberes Tradicionais: Referências Básicas Para a Atuação Profissional”**. CRP-SP. São Paulo, 2014.

DAVID, S. Nazar. **Freud & Religião** Rio de Janeiro. Editora. Zahar. 2003.

FARRIS. James; **Psicologia e Religião: “Uma Análise de Práticas Religiosas”** Revista Caminhando Vol.7 p. 23-37 (9) São Paulo. Editora. Metodista 2002.

FREITAS; M. Helena; **X Seminário de Psicologia & Censo Religioso**. Curitiba. Editora. PUC. 2015.

FREUD; Sigmund, **O Futuro de Uma Ilusão** São Paulo. Editora. Cia. das Letras. 2014.

FREUD. Sigmund. **O Futuro de Uma Ilusão** São Paulo. Editora. Cia. das Letras. 2014.

FREUD; Sigmund **Una Teoría Y Otros Ensayos** Madrid. Editora. Biblioteca Nova. 2014.

FRONM, Erich; **Psicanálise & Religião**. Rio de Janeiro. Editora. Ibero \_ Americana, 1962.

GABATZ; Celso, **Religião, Liberdade e Direitos Sexuais e Reprodutivos. A Presença de**

HANS. J. FAÁS, **Compêndio de Filosofia & da Religião** São Leopoldo. Editora. Sinodal. 1997.

HUFF. E.A. PORTELLA; R. REVISTA DE ESTUDOS DA RELIGIÃO. **Ciências da Religião. Uma proposta a Caminho para Consensos Mínimos.** Juiz de Fora. Vol. 15. N.02. Pg. 433-456. 2012.

HENNING; CAROLINE. M. /MORÉ. L.O. CARMEN., “**Religião e Psicologia: Análise das Interfaces Temáticas**”. Revista de Estudos da Religião. Dezembro /2009. /pp.84-114. [WWW.pucsp.br/rever/rv\\_4/2009t/ Henning.pdf](http://WWW.pucsp.br/rever/rv_4/2009t/ Henning.pdf).

JACOB. A. BALZEN. “**Psicologia Cultural da Religião: Perspectivas, Desafios, Possibilidades**”. Revista de Estudos da Religião. Dezembro/2009/PP.1-29. [WWW.PUC/SP.BR/Rever/rv4\\_2009/t\\_belzen.pdf](http://WWW.PUC/SP.BR/Rever/rv4_2009/t_belzen.pdf).

JOHN, E. Pavil; **Psicologia da Religião.** São Paulo. Editora Aste, 1964.

LEAL; KARE. L; Universidade de São Paulo, (USP), Instituto de Física. **História da Ciência, Religião e Interculturalidade no Ensino da Física: Por quê Não?** São Paulo, 2017.

MASPOLI; Antônio; **Revista História & Sociedade** São Paulo. Editora. Mackenzie. Nº02. 2004.

PRATES, A. Eustáquio Divino; H. Cardoso, Rocha L. Aparecida DE ALMEIDA, VS. Ricardo, **Ciências da Religião. Psicologia da Religião.** Montes Claros / MG. Editora Unimontes. 2015.

REVISTA DE ESTUDOS DA RELIGIÃO. P.1-29. Editora PUC. São Paulo. 2009.

REVISTA DE ESTUDOS DA RELIGIÃO. P.1-29. Editora PUC. São Paulo. 2009.

ROSA, Merval; **Psicologia da Religião.** Rio de Janeiro. Editora Juerp. 1979.

ROBSON, Et. a l REVISTA KERYGMA. **Ciências da Religião e Teologia: Há Diferenças de. 2014 Propósitos Explicativos?** Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Vol. 10. N.1. P. 139-151. 2014.

YAMAMOTO; H. Osvaldo, CAVALCANTE M. de Souza. YAMAMOTO E.M. **A Produção Científica na Psicologia: Uma Análise dos Periódicos Brasileiros de 1990-1997.** Revista da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre